



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Andressa Silva de Paula

O (re)conhecimento da cultura negra nas favelas e a descriminalização da pobreza e do povo negro

Rio de Janeiro

2018

Andressa Silva de Paula

O (re)conhecimento da cultura negra nas favelas e a descriminalização da pobreza e do povo negro

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadores: Flávio Paixão e Valéria Fernandes de
Carvalho

**Rio de Janeiro
2018**

Dedico esse trabalho a todos nós moradores de favelas que somos diariamente violentados, julgados, estigmatizados e prejudicados por uma herança histórica de uma estrutura social racista, machista e capitalista. Espero que este possa ser um meio de transformação aos que lerão, assim como foi para mim ao fazer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, namorado e amigos da EPSJV, que estiveram comigo me amparando durante todas as dificuldades do meu processo de produção, em especial a todos os moradores do Complexo de Favelas da Maré que me fizeram buscar respostas para todas as incompletudes e estigmas vividos por nós o que foi o motivo e inspiração do meu trabalho.

Agradeço aos meus orientadores pela paciência e dedicação de tempo a mim e meu trabalho, esse que possibilitou uma transformação em mim e em minhas visões.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo conhecimento diferenciado que foi passado e que me transformou enquanto uma pessoa mais crítica diante a nossa sociedade.

Agradeço aos educadores do CPV- CEASM que me concederam as entrevistas que foram muito importantes para mostrar que a favela tem suas resistências tem pessoas que lutam diariamente umas pelas outras para ir contra as imposições sociais preconceituosas que nos são impostas.

“agora devolvemos ao obstinado segmento branco da sociedade brasileira as suas mentiras, a sua ideologia de supremacismo europeu, a lavagem cerebral que pretendia tirar nossa humanidade, a nossa identidade, a nossa dignidade, a nossa liberdade. Proclamando a falência da colonização mental eurocentrista celebramos o advento da libertação quilombista”

(Abdias do Nascimento)

RESUMO

A presente monografia objetiva compreender em que medida o (re) conhecimento da cultura negra nas favelas pode constituir-se como um dos instrumentos de descriminalização da pobreza e dos negros. Trata-se, por um lado, de compreender o processo de construção do imaginário social pautado na perspectiva racista, construído historicamente pelas classes dominantes, que legitima o extermínio do povo pobre preto – que constitui a maioria dos moradores das favelas – e, por outro, entender em que medida a cultura negra – desenvolvida através de diversos projetos nestes locais – pode potencializar a construção da identidade negra e de processos de resistência à criminalização e ao genocídio do povo negro.

Palavras-chave: cultura negra, raça, racismo, classe social e penalização da pobreza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPITULO 1: O imaginário social hegemônico sobre as favelas.....	09
CAPÍTULO 2: CPV-CEASM: desconstrução e reconstrução de identidades nos processos de luta contra o genocídio e criminalização do povo preto favelado.....	23
2.1 O lugar da pesquisa: O CEASM no Complexo de favelas da Maré.....	23
2.2 CEASM enquanto um espaço de potência de desconstrução e resistência.....	25
2.3 Processos de identidade do espaço e de suas praticas educacionais.....	27
2.4 Prazer e desprazer com a educação.....	32
2.5 Processos de preparação para o ingresso a universidade.....	33
2.6 Conhecimentos proporcionados além da sala de aula.....	34
2.7 Temáticas de atividades.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia objetiva compreender em que medida o (re) conhecimento da cultura negra nas favelas pode constituir-se como um dos instrumentos de questionamento, de desconstrução e de luta contra o racismo e contra o processo de criminalização dos negros e da pobreza.

Escolhi esse tema porque sou negra, nasci, cresci e moro no complexo de favelas da Maré e percebo por minha convivência nesse local, com amigos e vizinhos, as consequências (econômicas, psicológicas, culturais e ideológicas) dos estereótipos, da criminalização e do racismo para o conjunto dos moradores das favelas – composto significativamente por negros.

Tendo em vista o objetivo desta monografia, ao longo de minha análise busquei: a) compreender o processo de construção do imaginário social pautado na perspectiva classista e racista, construído historicamente pelas classes dominantes, que legitima o extermínio do povo pobre negro – que constitui a maioria dos moradores das favelas e; b) entender em que medida a cultura negra, pode potencializar a construção da identidade negra e de processos de resistência à criminalização e ao genocídio do povo negro. Para tanto, faremos análise de um dos projetos culturais desenvolvido no Complexo de favelas da Maré/RJ.

Para tanto, no capítulo 1, apresento, através de referenciais teóricos de alguns autores e dos conceitos e das concepções desenvolvidos pelos mesmos, as bases estruturais, econômicas, políticas e ideológicas que dão sustentação ao imaginário social hegemônico sobre a favela, e que legitimam e naturalizam a criminalização e extermínio do povo negro e pobre. Apresento, baseado nos autores, minha perspectiva sobre o papel do Estado nos estereótipos estabelecidos e nas precariedades que as favelas possuem. Isso me possibilitou afirmar algumas coisas sobre este território, como, por exemplo, apresentar de que forma ela é vista socialmente, fazer discussões sobre o senso comum construídos e difundidos acerca das mesmas, me permitiu também falar sobre as questões de identidades, da história e de processos culturais da população negra que foram manipulados e escondidos desta; assim como, o fato de não termos acesso a outras perspectivas de educação, pautadas – por exemplo - na perspectiva crítica, da educação popular e do pensamento da decolonialidade. Fatores estes que se somam para manter e favorecer as estrutura de poder e dominação atual.

No capítulo 2, através dos sujeitos entrevistados (todos eles: moradores da Maré, que foram estudantes do CEASM e que atualmente são professores deste local; ou seja, pessoas que estão inseridas dentro das favelas) - analisei os processos excludentes presentes na favela; mas busquei, principalmente, trazer à tona para reflexão os movimentos de resistência existentes na mesma. Tais movimentos possibilitam as pessoas a se ajudarem e perceberem como é o mundo de fato a nossa volta, entender uma história diferente das que sempre são apresentadas e o mais importante se reconhecer, se perceber e se identificar enquanto preto, morador de favela, pobre, vítima de uma estrutura social extremamente excludente, baseado nas estruturas histórica, que se justifica pelo simples fato de ter determinada cor da pele e pertencer a determinada classe social.

A pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa. Usei como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os descritores cultura negra, raça, racismo, classe social e penalização da pobreza. Fiz revisão dos documentos retirados de monografias, dissertações, sites, blogs e artigos de livros. Desenvolvi meu trabalho de campo no Curso Pré-Vestibular do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CPV-CEASM), através de entrevistas, especificamente com 4 educadores/as e coordenadores/as negros/as, entre estes/as ex-estudantes deste pré-vestibular e que hoje atuam como professores/as e coordenadores/as. Analisei os materiais, atividades desenvolvidas e propostas nas aulas e extra-escolares do CPV-CEASM.

CAPITULO 1: O imaginário social hegemônico sobre as favelas

A favela¹ é reconhecida, predominantemente, pelas estruturas físicas e sociais que lhe faltam e pela visão moral extremamente negativa que lhe é atribuída historicamente pela elite e difundida pelos meios de comunicação.

VALLADARES (2005) no livro “A invenção da favela: do mito de origem à favela.com” afirma que as primeiras habitações já vistas enquanto uma favela - hegemonicamente falando - eram os cortiços, nos quais residiam pessoas pobres, trabalhadores e etc., que eram vistos pela elite dominante como vadios e sujos. Assim, já se iniciava um pensamento de como retirar essas pessoas desses espaços, destruindo tais habitações. Já a identificação dos morros, como favela, inicia-se com o povoamento dos soldados que vinham de Canudos. Estes habitam um local que inicialmente chamava-se Morro da Favella, depois passa a ser chamado de Morro da Providência. Daí por diante, os outros espaços estereotipados também passam a ser chamados de favela:

“apenas na segunda década do século XX é que a imprensa passa a utilizar a palavra favela de forma substantiva e não mais em referencia exclusiva ao morro da Favella, surgindo assim uma nova categoria para designar as aglomerações pobres, de ocupação ilegal e irregular, geralmente localizadas em encostas.” (pág. 7).

Como podemos perceber, desde sua origem, tal espaço é apresentado como anti-higiênico. Baseado nesta visão, várias iniciativas de “reformas higiênicas” são feitas pelo governo de Pereira Passos, através do medico sanitaria Oswaldo Cruz.

Historicamente, as poucas melhorias na área de saneamento básico e inserção de escolas, creches e postos de saúde foram conquistadas através das lutas e das manifestações dos moradores destes locais. O *abandono* do Estado, no que diz respeito ao atendimento das questões sociais destes locais e as lutas dos moradores destes espaços para ter acesso ao que está escrito nas leis como direito de qualquer cidadão, evidencia que, mesmo com algumas conquistas, as favelas enfrentam dificuldades para serem reconhecidas como espaços geográficos que também façam parte da cidade.

¹ Vários estudiosos escrevem que o nome de “favela” origina-se por conta de uma vegetação encontrada na Bahia, que estava também em cima de um morro, tal vegetação se chamava favela ou pode ser dado também por conta da questão de resistência que se relaciona com as questões de canudos.

O elitismo e o racismo², que são base para o conhecimento superficial e estigmatizado da favela e de seus moradores, criam um olhar preconceituoso - como se apenas a favela apresentasse o lado violência da cidade. ALVITO & ZALUAR (2003) afirmam que:

“(...) já no início deste século³ os morros da cidade eram vistos pela polícia e alguns setores da população como locais perigosos e refúgio de criminosos. Examinando as estatísticas criminais, um especialista em história da polícia desmente essa ideia, afirmando que, nas diversas regiões da capital federal de então, ‘a distribuição dos tipos de crimes de contravenções é semelhante’. O ponto que gostaríamos de enfatizar é o seguinte: apesar do que se afirma com frequência na literatura sobre a favela, esta já começa a ser percebida como um ‘problema’ praticamente no momento em que surge, muito embora, a despeito dessa clara oposição à sua presença na cidade, tenha continuado a crescer sem interrupção...” (2003)

Desta forma, verifica-se que o poder público sempre naturalizou, difundiu e legitimou no senso comum, a percepção de que as únicas políticas públicas necessárias para estes territórios fossem aquelas voltadas para o combate à violência.

Tal perspectiva mascara e oculta as diversas dimensões das violências vividas – e produzidas pelo próprio Estado e pelas classes dominantes, que o mesmo representa - pelos moradores destes locais ao não terem, por exemplo, o acesso aos direitos garantidos nas leis a qualquer cidadão – desresponsabilizando o Estado de promover políticas públicas no campo da educação, da saúde, do saneamento básico, do lazer, entre outros.

Segundo SILVA (2009), as habitações (grandes conjuntos habitacionais) construídas pelo governo - mesmo tendo um visual e uma estrutura diferente da favela - também possuem um aspecto de “falta”. Nesse contexto, considero que é muito importante fazer algumas reflexões acerca de algumas perguntas, como por exemplo: por que esse imaginário predomina na sociedade sobre a favela? Qual a classe social dos que assim pensam e difundem esse olhar sobre o que é a favela e seus moradores? Qual é a classe social dos que habitam as favelas e os grandes conjuntos habitacionais? Se a aparência destes últimos é diferente da favela, o que leva o senso

² Segundo MUNANGA, o racismo tem seu conceito diretamente ligado ao conceito de raça, pois, estabelece relações de divisões por cor, traços e características físicas que venham a diferenciar um “grupo humano” de outro. Dessa forma, o racista se vê superior ao “outro” por essas questões de raça determinadas pelos critérios citados. Ou seja, para o racista, o racismo é um imaginário. Sendo assim não é só uma divisão entre grupo por suas características distintas, pois, após classificar a espécie humana a partir de características físicas, externas (aparentes), a perspectiva racista: faz a relação entre as características físicas e as capacidades intelectuais, características morais e culturais; potencialidade de desenvolvimento e qualidades morais, para, em seguida: designar um comportamento de hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos cujas características intelectuais ou morais, consideradas "inferiores" estariam diretamente relacionadas às suas características "raciais", isto é, físicas ou biológicas. Essas características biológicas que se permeiam no campo da dominação são sustentadas até nos dias atuais.

³ Século XX

comum a pensar a favela de forma estigmatizada? Será que é pelo fato dos moradores das favelas serem pobres e majoritariamente negros?

Quando se tem um imaginário preconceituoso e racista bem estruturado e difundido socialmente, as pessoas que se encontram na base da pirâmide hierárquica, são violentadas (fisicamente, psicologicamente, simbolicamente, emocionalmente e socialmente) e reprimidas; enquanto as pessoas de determinados locais da cidade circulam e usufruem do espaço cometendo crimes sem que sejam penalizados como os periféricos.

Fazemos parte de uma sociedade de extrema desigualdade que contribui, entre outras questões, para as taxas mais altas de desempregos na periferia. Isso leva parte significativa dos moradores deste local a procurem empregos nas ruas para pode sobreviver na sociedade de consumo.

Por conta do abandono do Estado, a falta de acesso à cidade faz com que os moradores de favelas comecem a desenvolver relações comerciais em seus espaços para sanarem suas necessidades de sobrevivência. Isso acontece de forma muito simples, com a criação de mercadinhos, mercearias, padarias, moto-taxi etc., isso faz com que gere uma economia dentro das favelas. Porém, na maioria das vezes o tráfico pede uma quantia para que aquele comércio continue, e ainda que os moradores não concordem parte significativa cede por *necessidade*. Mas não é só o tráfico que tira porcentagem dessa economia, pois segundo WACQUANT (2007) o Estado tem uma necessidade de controlar a economia criminal, porém tolera “algumas” atividades locais, desde que sejam mais escondidas e dentro de certos limites.

O mesmo autor apresenta uma reflexão acerca da chamada “linha de cor” nos EUA, que nos ajuda a compreender algumas questões sobre nossa realidade – guardadas as especificidades de cada um desses países e territórios. Trata-se da exclusão dos negros concentrando a pobreza em bairros isolados; percebe-se assim, que o aparelho repressivo do Estado tem uma direção. O que contribui também para outra questão dos EUA, que é a “política criminal do derramamento de sangue”, sangue esse de uma população periférica vista como desrespeitável, inútil e etc. Essas visões têm ligação direta com as pessoas e características de nossas favelas, conhecidas também como bolsões irregulares, que são “gradeadas” e militarizadas para em longo prazo “*eliminar os detritos humanos*”.

A discrepância social e econômica, presentes nesses espaços, contribui para reforçar o imaginário da necessidade, legitimação e naturalização do extermínio da população periférica,

preta e pobre. Reforça-se, dessa forma, o imaginário social destes seres humanos como seres humanos descartáveis, passíveis de serem eliminados, excluídos - no sentido mais radical desta palavra: exterminados.

NASCIMENTO (1994), após fazer uma análise das diversas acepções sociológicas que foram atribuídas ao conceito de exclusão social⁴, afirma que atualmente intensifica-se a concepção de exclusão social na sua acepção mais radical, qual seja: aquela que legitima a visão de que alguns seres humanos são passíveis de ser exterminados. Exclusão aqui ganha o sinônimo de extermínio físico. Tal concepção se fortaleceu segundo o referido autor, sobretudo a partir da revolução científico-tecnológica e das sucessivas crises na econômica mundial da década de 1970 e dos processos de intensificação da pobreza, do aumento da desigualdade social e do desemprego estrutural, gerados pelas mesmas. Estes processos criaram grupos sociais que não possuem acesso aos bens materiais e simbólicos, mas, sobretudo, que não têm possibilidades de encontrar um lugar no mundo do trabalho.

A exclusão ou não inclusão por conta da falta de emprego se torna maior ainda, pois temos muito mais pessoas desempregadas, ampliando a concorrência no mercado de trabalho mesmo que as condições de trabalhos sejam piores e o acesso aos direitos restritos ou inexistentes. A ampliação do exército industrial de reserva acima das necessidades do capital permite a este dizer para aqueles que questionam as condições de trabalho que se ele não quer aceitar tais condições precarizadas de trabalho, existe uma fila imensa de pessoas que quer e está atrás da vaga ocupada por ele.

A questão é que para não serem excluídas da sociedade as pessoas precisam aceitar tais condições de emprego para que não sejam descartadas por sua incapacidade de renda ou pior, conseguir ter o mínimo de recursos para uma vida digna. Referindo-se a estes que não conseguem ingressar no mercado de trabalho acabam sendo vistos socialmente como uma ameaça passível de criminalizar. Fazendo com que a sociedade crie uma ferramenta de repressão para estes que serão criminalizados, lançando mão de violências. Sendo esses excluídos passíveis de extermínio

⁴ De acordo com o autor, na **primeira** concepção: processo social de não- reconhecimento do outro, ou de rejeição, ou, ainda, intolerância. Dito de outra forma trata-se de uma **representação que tem dificuldades de reconhecer no outro, direitos que lhes são próprios**. Nesse sentido aproxima-se das diversas formas de **discriminação**. Na **segunda** concepção, o não-reconhecimento se traduz numa clara **exclusão de direitos**. São grupos sociais que **não têm uma integração no mundo do trabalho**, não possuindo, em decorrência, condições mínimas de vida. Na terceira concepção: o **não-reconhecimento vai além da negação ou recusa de direitos**. Estes grupos sociais passam a "**não ter direito a ter direitos**". Sem serem reconhecidos como semelhantes, a tendência é expulsá-los da órbita da humanidade e de serem considerados como **objeto de extermínio**.

socialmente. O que começa a se fazer uma relação associativa de pobreza com violências, constituindo-se um imaginário social que diz que o pobre e o bandido vão se relacionar de alguma forma, entendendo tais envolvidos como perigosos. O que faz com que estes sejam excluídos socialmente simplesmente por seu fenótipo, pois, se cria a imagem daquele que não possui inteligências necessárias para determinados trabalhos, pobres, marginalizáveis, violentos e por heranças raciais, pretos.

“(...) os indivíduos tornam-se, em primeiro lugar, desnecessários economicamente. Perdem qualquer função produtiva e passam a se constituir em um peso econômico para a sociedade (do mundo do trabalho) e para o governo. Em segundo lugar, com estas mudanças sociais ocorrem transformações nas representações sociais a respeito destes indivíduos. Pois os mesmos não são apenas objeto de discriminação social. Aos poucos passam a ser percebidos como indivíduos socialmente ameaçantes e, por isso mesmo, passíveis de serem eliminados (...)” (pág.9 grifos meus).

Verificamos dessa forma a força desse movimento excludente. Visto que hoje nos encontramos em uma sociedade que possui algumas estruturas que regem nossas vidas, a exclusão se dá em torno de tais bases sociais, como por exemplo, o racismo, machismo, elitismo e o capitalismo. Sendo possível perceber todas essas bases que servirão de ferramentas de exclusão nas favelas. De forma que por ser preto, pobre, morador de um espaço precarizado por desresponsabilidade do Estado, tais pessoas vão ser *desvinculadas* da sociedade, subalternizadas e excluídas pelas condições que as são impostas. E nesse mesmo lugar pode-se ocorrer uma exclusão mais violenta, que seria a da mulher, preta, favelada, pobre, que sofre por todas as estruturas citadas e pelo machismo todos os dias, tendo sua integridade violentada pelo fato de ter um corpo hipersexualizado, onde os homens acham que tem o direito sobre ele por conta de uma herança histórica.

O olhar racista e classista, construído e difundido historicamente pelas classes dominantes, produz e reproduz no conjunto da sociedade um imaginário social que vê e acredita que a favela é um local de “*marginais*”, “*vagabundos*”, pessoas que não querem “*nada da vida*”, “um lugar sujo, que só tem pessoas sujas”, sujo em muitos sentidos. É muito comum diante de determinados comportamentos considerados como *sem higiene pessoal*, sem limpeza ou considerados fora do padrão do que é ser considerado educado serem qualificados como “coisa de favelado” ou “parece favelado”.

Esses estereótipos são reforçados cotidianamente pelos meios de comunicação, por diversas *autoridades públicas* e por formadores de opinião. O ex-governador Sérgio Cabral⁵ fez a seguinte afirmação:

“Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal” (Sérgio Cabral – Revista Veja, 31/10/2007).

A Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência⁶ pesquisou em várias fontes, declarações, textos e publicações onde estivessem expressos, de maneira evidente e exemplar, os pontos de vista e pretensos “argumentos” utilizados por *autoridades* e “formadores de opinião”, para justificar o extermínio sobre as populações pobres e marginalizadas. A partir dessa pesquisa escreveram o documento “Palavras que matam”⁷, destaco a seguir alguns desses depoimentos:

“Onde houver concentração de miséria haverá vagabundo.” (Hélio Luz – 26.fev.96 -O Globo)

“No Complexo do Alemão está um foco de terroristas e de pessoas do mal” (Sérgio Cabral – <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/05/17/295798976.asp>)

“Estes violentos bandidos se animalizaram (...). Eles são animais. Não podem ser compreendidos de outra maneira. Por isso os confrontos não podem ser civilizados. Essa gente não tem que ser tratada civilizadamente. Têm que ser tratados como animais”. (Marcello Alencar – 11.mai.95 – Jornal da Manchete)

“O interrogatório é muito fácil de fazer / pega o favelado e dá porrada até doer./O interrogatório é muito fácil de acabar / pega o bandido e dá porrada até matar. (...)/Esse sangue é muito bom / já provei não tem perigo / é melhor do que café / é o sangue do inimigo. (...)/Bandido favelado / não se varre com vassoura/Se varre com granada / com fuzil, metralhadora.” (Canto do BOPE – 24/09/2003 – O Globo).

Tais discursos e falas dão base e são estratégias centrais para a legitimação do processo de penalização da pobreza, expressão central da face penal do Estado Neoliberal. O sociólogo Loic Wacquant (2003) afirma que a penalização da miséria foi “(...) elaborada para administrar os efeitos das políticas neoliberais nos escalões mais baixos da estrutura social das sociedades avançadas” (pág. 72). Nesse texto, o autor se refere aos países dominantes, no entanto, em outros artigos ele e outros autores apresentam esse fenômeno para outros países, entre eles, o Brasil.

⁵ Governador entre os anos 2007 a 2014.

⁶ A Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência é um movimento social que reúne moradores de favelas e comunidades pobres em geral, sobreviventes e familiares de vítimas da violência policial ou militar, e militantes populares e de direitos humanos. Tem como objetivo lutar contra a violência do Estado e as violações de direitos humanos praticadas por agentes estatais nas comunidades pobres.

⁷ <http://www.redecontraviolencia.org/Documentos/427.html>. Acesso em: 1 de novembro de 2016

“(…) Uma série de semelhanças estruturais e de espirais políticas paralelas emerge nas tramas da pobreza aguda, da violência cotidiana e da detenção punitiva nas metrópoles dos Estados Unidos e do Brasil, apesar das gritantes diferenças econômicas, burocráticas e tecnológicas entre ambos. (...) os estigmatizados bairros de abandono em ambos os países se tornaram alvos principais da ação virulenta da polícia e lugares centrais para inovações e exibições da agressiva imposição da lei através da qual o Estado reafirma, ritualisticamente, sua capacidade de ação. Como resultado, em ambas as sociedades a solução penal ganhou nesses bairros uma intensidade e destrutividade bélicas sem precedentes, algo hoje inimaginável em qualquer outro distrito urbano, especialmente depois que, em geral, o trabalho da polícia se tornou mais disciplinado e decoroso. Nas cidades brasileiras, a Polícia Militar entra rotineiramente nas favelas com blitz, durante as quais helicópteros de vôo rasante arrancam os precários telhados das casas e as tropas jogam abaixo portas e janelas, saqueiam moradias e intimidam seus ocupantes, disparam indiscriminadamente, fecham lojas e escolas e realizam prisões em massa por “vadiagem” (apreensão dos favelados que não portam documento de identidade consigo), gerando uma tensão ilimitada com sua seqüência de tormentos, indistinguíveis, em suas táticas e efeitos, de uma incursão militar em um território ocupado (...)” (WACQUANT, pág. 212:2007)

O processo de criminalização da pobreza e dos negros não é recente, segundo Vera Malaguti Batista em entrevista no site da Escola de Saúde Joaquim Venâncio, em 2010:

“A criminalização da pobreza sempre aconteceu. O Nilo Batista diz que o criminal é um fetiche para esconder a conflitividade social. Ao observarmos os crimes no século XIX, percebemos que eram todos crimes de escravo. O discurso é sempre o mesmo. Eu tenho isso no livro porque pesquisei os arquivos do século XIX e lá dizia: "magotes de negros armados pelos morros". É igualzinho. O que muda é só o discurso, ou é porque é capoeira, ou quilombola, ou é sambista, ou funkeiro, ou é porque é traficante, entre aspas. (...) Você passa nas ruas e os pobres também, os porteiros, estão todos dizendo: 'é uma raça ruim, tem que matar'. Isso é fruto de uma educação. Ao ler as cartas dos leitores do Globo, se percebe qual é esse projeto educacional (...)”.

Dessa forma, a impressão que a maioria da sociedade tem ao olhar a favela é de que é um local onde só tem marginais, “vagabundos”, pessoas que não querem nada da vida. Então, além de visualizar a imagem estereotipada do local, também já concluem o mesmo sobre os seus moradores.

Essa visão legítima a existência da política de segurança pública para a elite branca e de insegurança pública para os pretos, periféricos e favelados; pois estes sabem, e sentem na pele e no dia a dia, que o significado dessa “segurança” efetiva-se através da ruptura do que seriam os direitos garantidos pelo Estado, como por exemplo:

“**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante (...)”⁸.

⁸ Constituição Federal do Brasil

A questão é que a produção desse tipo de segurança nas favelas assegura de fato uma parcela da sociedade, parcela essa classista, elitista e racista, pois, o porte de arma estabelece a movimentação da economia capitalista. A produção de arma não é feita em nossas terras brasileiras, mas ao subir a favela podemos nos deparar com muitas armas e as mais atuais possíveis que chega de uma forma "tranquila". Essa ideia da tranquilidade é o que contempla a economia daqueles que detém o poder na sociedade, pois, o fato de você armar bandidos e policiais, e os colocar em choque, gera guerra, o que gera dinheiro. A indústria que mais gera dinheiro para o capitalismo é a bélica (MALAGUTI, 2010).

Para a guerra continuar existindo e produzindo, existem meios que estimulam no inconsciente social sua existência. Um desses meios é a mídia, que dissemina informações de forma muito afirmativa que não necessariamente tem toda a verdade que parece ter. As informações que são passadas reforçam o imaginário social estereotipado do povo preto, pobre e favelado, fazendo com que se tenha uma produção do medo, entendendo que para o pensamento construído socialmente, os marginalizados oferecem perigo para a sociedade. Essas subjetividades são essenciais para o convencimento do extermínio e retirada dos direitos daqueles que são afetados pela sociedade, e daqueles que são muito próximos àqueles que estão disseminando tais pensamentos mesmo que estes sejam os afetados.

Cecília Coimbra⁹, em entrevista ao site da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio¹⁰ apresenta importante reflexão sobre esse imaginário ao problematizar a seguinte questão: *"porque é tão naturalizado na sociedade em geral, esse pensamento de que alguns merecem ser torturados, exterminados para minha segurança"*. Segunda a entrevistada, o argumento mais difundido no senso comum é o de que é para nossa segurança, mas eu considero que de fato é apenas para o benefício de uma classe social.

Para tal marginalização e penalização destes que são inferiorizados na sociedade, temos os recursos midiáticos, como por exemplo, a produção do medo, que é muito importante para a construção de subjetividades que vai legitimar o extermínio e a tortura. As informações seletivas, que nos mostram atrocidades propositalmente produzem medo e insegurança o que nos faz ler a sociedade como se houvesse pessoas descartáveis, passíveis de serem exterminadas fisicamente.

⁹ Psicóloga, historiadora, fundadora do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ e professora adjunta aposentada na Universidade Federal Fluminense, vinculada ao programa de Pós-Graduação Estudos da Subjetividade.

¹⁰ In: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/quando-vai-sendo-produzido-o-medo-a-inseguranca-vai-ao-mesmo-tempo-produzindo>, 2014.

A professora destaca, durante a entrevista, que outro aspecto importante é que a ditadura se mantém nas favelas, pois, ainda se tem a repressão policial, tortura e mortes que são justificadas por legítima defesa, mesmo que rompa com os seus direitos, sendo assim, temos hoje um Estado que a todo o momento nos tira direitos mesmo que estejamos em um país dito democrático.

Com a “*desculpa*” da contensão as guerras nas favelas, o aparelho repressor do Estado sobe as favelas e usa da violência para inferiorizar, reprimir e violentar os moradores, para que se destaque enquanto uma figura que tem um poder e um potencial perante a sociedade. O fato é que essa truculência tira a vida daqueles que são ditos os “responsáveis pela violência urbana”. Sendo assim tal truculência justifica, perante a sociedade, o extermínio dessa população que está na ponta do mercado das drogas.

Nessa perspectiva, o policial é visto como um personagem que “merece respeito”. Tal respeito que provém da produção de medo. As delegacias são hoje locais aonde o medo, a insegurança e a desproteção vem à tona, mas essa questão não é atual, isso vem desde os tempos escravagistas, o que nos faz viver em uma tradição que persiste e se sustenta.

A polícia, nos bairros mais estigmatizados, atua com seu alvo voltado para um padrão de classe e de cor, reafirmando a capacidade de controle social do Estado por meio de um tratamento agressivo baseada no argumento de conter determinado tipo de violência e o crime urbano. Esse padrão segrega a sociedade e assemelha o perigo à negritude, historicamente até os dias de hoje, o que contribui para a tentativa de justificar que o encarceramento e o extermínio do povo preto continuem acontecendo em massa.

Por vivermos em uma sociedade estruturalmente racista, desigual e segregada, que tem a maioria de seus problemas ocasionados por interesses de uma classe (branca racista), verificamos a intensificação de “*soluções*” para resolver tais questões; uma dessas resoluções, por exemplo, é a militarização nas favelas, o que na maioria das vezes faz com que os moradores tenham ainda mais problemas. Ou seja, os detentores do poder, para se beneficiarem a longo prazo, deixaram consequências de seu poder para a classe que foi inferiorizada, e hoje a forma de resolver tais consequências atinge a essa camada da população.

Sendo assim tentam tratar apenas as questões que são propagadas de forma estereotipada, e as políticas públicas acabam não representando os moradores quando voltadas apenas para esse senso comum.

Um dos conflitos que a favela enfrenta é sua abordagem, ser sempre caracterizada pelo o que ela não é, e pegam essa representação e comparam com determinado modelo de cidade. Sendo assim, essas comunidades não estão nos padrões que são definidos pelo Estado e mercado como um modelo ocupacional.

O poder das classes dominantes rege as estruturas padronizadas na cidade, determinando um “modelo civilizatório”. Esses modelos são construídos por questões explícitas e implícitas das classes dominantes tornando-se parte da nossa cultura também. O que possibilita o senso comum discriminar o local, dizendo ser um espaço de ilegalidade, um local onde a taxa de fertilidade seria muito elevada, aumentando assim a população favelada. Considero importante se fazer críticas a essa afirmação, pois em muitos locais da cidade a população também tem um grande aumento populacional, mas as críticas e denúncias dessa questão para outros locais não são feitas.

Para melhorar as condições das favelas é preciso criticar e lutar contra as incompletudes do Estado, como por exemplo, a falta de estruturas sociais dignas para os moradores destes locais, e começar a analisar a favela na urbanização do espaço territorial, pois, precisa-se compreender que não deveria existir uma divisão entre a favela e o que se compreende por cidade. Segundo SILVA (2009) com essa suposta divisão a cidade se estabiliza,

“(…), pois no contexto social e político de um surgimento das favelas que esteve vinculado a antítese da ordem urbana, as políticas de higienização e ao não reconhecimento da normatização, havia um esforço de segregação na medida que a existência da favela permitia a estabilização social. Isso gerou duas consequências imediatas: se por um lado a favela se torna um espaço de pertencimento para os seus , esses mesmos se colocam numa situação de estranhamento com o restante da cidade, numa perda do ‘direito à cidade’ (...)” (pág.)

Entendo que a construção do sentimento de pertencimento a um espaço que não é tido como um espaço que faz parte da cidade contribui para as questões de dominação do espaço urbano e para a perda dos direitos dos moradores periféricos na cidade.

A partir das reflexões acima, concluo que a favela tem cor e classe social. Dessa forma, as relações de poder e de dominação e as desigualdades que assolam o espaço não parecem ser algo “natural”, mas sim algo obtido e produzido.

Considero que mostrar o que não é (me refiro à visão do senso comum acerca da favela) e comparar com um “modelo” apenas distraí a atenção da população para a favela, fazendo com que todos acreditem que lá sim é um local de problema social, mas distorcendo os fatos e dando para esse local apenas características que vão amedrontar a sociedade, no caso: a violência. O poder público restringe seu olhar na questão da violência nas favelas, como se esse fosse o único

e mais importante. Considero que isso é apenas uma tática para mascarar os reais problemas que a cidade toda sofre.

Na minha leitura, a favela se torna *uma válvula de escape* do Estado para justificar e resolver uma série de questões, como, por exemplo, o embraquecimento da cidade – no sentido de isolar as pessoas que não seriam “dignas” de pertencer o que se delimita como cidade, pessoas que não são “desejáveis” de habitar e transitar pela cidade. A elitização e o encarecimento do custo de vida na cidade afastam e impossibilitam a população pobre de viver, de morar em determinados lugares do que se considera cidade, colocando para estes, como única possibilidade, viver em um local mais barato: como a favela.

Caracterizada como um espaço de extrema desordem e complexidade, a favela traz especificidades que precisam ser observada para melhor atender as necessidades do espaço e diminuir os níveis de desigualdades.

O que não se deve deixar de observar nesse espaço e refletir sobre isso é que, a favela possui uma população que em sua predominância é negra, afro-brasileira, que traz uma expressão cultural que vai se articular com as relações sociais do meio (SILVA, 2009).

Pela carga visual e preconceituosa que a palavra favela carrega, os moradores não se afirmam favelados, pois acabam se atribuindo um sentido negativo e, dessa forma, afirmando uma identidade. Identidade essa que se deixa levar por uma cultura cheia de heranças racistas, tendo em vista que a maioria dos habitantes das favelas é negra, a maior parte desses negros não é apresentada ao seu passado histórico, ou seja, à cultura negra.

Para ANDRÉ (2008),

“(…) o uso da noção de cultura leva diretamente a questões de ordem simbólica, isto é, aos sentidos e significados que as pessoas/grupos dão às suas práticas sociais, políticas, religiosas e culturais. (...) Cultura, então é conceituada como um sistema simbólico que comporta aspectos reguladores e estáveis, os quais podem ser buscados nas transmissões de tradições específicas de um grupo. Também comporta uma dinâmica vital, que é o que garante as reconstruções, atualizações que se vê de geração em geração. Para estas constituições ocorrerem, os seus construtores – as pessoas que fazem parte de certo grupo – lançam mão de suas ideias e ideologias, desejos, sonhos, valores, crenças, símbolos e, principalmente, de suas experiências relacionais” (PP. 76-77).

Entendo que esse não reconhecimento do passado é proposital, haja vista que todo o processo de dominação colonial teve como base de sustentação e legitimação a destruição da cultura, da memória e da história dos povos africanos e em diáspora.

A partir da concepção sobre cultura apresentada por ANDRÉ acima, entendo que esta é um instrumento decisivo tanto nos projetos de dominação quanto nos processo de libertação e

emancipação dos povos dominados. Dessa forma, considero que destruir, apagar e invisibilizar as culturas dos povos dominados, através da perspectiva racista, como diz MOURA (1994), foi e ainda é uma dos “galhos ideológicos do capitalismo” (pág. 3).

Nesse sentido, NASCIMENTO (1980) afirma que “(...) o negro trouxe até a última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo psicossócio-cultural que se mantém atuando até os dias de hoje (...)” (pág. 262).

Para termos a dimensão do quanto a destruição, a tentativa de apagamento e o processo de invisibilização das culturas africanas e diaspóricas por um lado e; por outro, a imposição e a universalização das cultura branca- eurocêntrica foram e são fundamentais para o processo aqui já citado, NASCIMENTO, na referida obra, enfatiza:

“A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para brancos e pelos brancos, exatamente como toda sua estrutura econômica, sócio-cultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca/brancóide, supostamente de origem ário-européia (...)” (pág. 15)

Esse processo é histórico e profundo, considero que é uma mola propulsora fundamental desse projeto de dominação, e ainda se faz presente na atualidade.

Dessa forma, parte significativa da população negra acaba se baseando na cultura eurocêntrica (branca e elitista) e a partir delas se educam. Então, às vezes, os próprios moradores da favela, no caso aqui analisado, já interiorizam os estereótipos construídos sobre o local e de sua cor e acabam se diminuindo.

Para entender as questões que pressupõe o ser negro e sua identidade é necessário analisar como a violência do racismo possui relação com a carga da branquidão imposta a ele. Entendendo que essa violência é estabelecida por meio da total mutilação e destruição de sua identidade. Uma violência que possui dois vieses, o primeiro consiste na tentativa incessante do negro de introduzir os ideais brancos e incorporar a projeção destes em seu corpo, e como consequência disso, o segundo se dá através da negação de si e de seu corpo (SOUZA, 1983).

Se olharmos para as favelas vemos nitidamente a cultura difundida pelas elites sendo usada como uma das ferramentas de opressão do Estado, pois esta é uma das estruturas do poder simbólico. Sendo assim, quando negros favelados não se afirmam como negros; quando negros-que devido à violência racial a que são submetidos desde que nascem - reproduzem os estereótipos constituídos socialmente etc., se reafirma o apagamento do passado que nos impossibilita reconhecer nossa cultura e a construção de nossa identidade negra, dificultando

assim, a construção da luta contra as estruturas racista, elitista e classista que estruturam o capitalismo.

Mesmo que nas favelas tenham ainda, mais que em outros locais não periféricos, as expressões da cultura africana, como por exemplo: o samba, capoeira e etc., elas se passam despercebidas pelo fato do não reconhecimento de suas raízes, e acabam sendo incorporadas e se diluindo na chamada cultura brasileira. Essas expressões - na maioria das vezes - são vistas como um divertimento, porém, inconscientemente faz parte de uma resistência.

No processo de construção de nossa identidade, na maioria das vezes, ouvimos algumas coisas e a partir disso tomamos consciência de quem somos, ou de quem “queremos ser”, internalizamos essas referências, e ao longo da vida é possível a reflexão em torno de nossas vivências. Ou seja, o processo de identidade esta sempre em construção.

Socialmente, os modelos de identidade passados pra nós sempre foram eurocêntricos. Um exemplo clássico disso é a historia dos povos africanos nos livros didáticos – que sempre foi contada como a história de um povo reduzido a escravos, que sofreram. Contudo, não nos é dito que os povos africanos sempre lutaram, que tinham as mais lindas e diversas praticas culturais, que resistiram, que tinham personalidades importantes, que têm uma vasta contribuição - em várias áreas - para a construção do conhecimento científico e tecnológico universal, ou seja, aspectos fundamentais para a construção de nossa identidade, principalmente na fase escolar, que estamos nos descobrindo e isso nos e negado.

Então essa é identidade que foi mascarada, que nos ocultaram, que invisibilizaram, que tentaram e tentam exterminar; ou seja, uma identidade que não é pautada no modelo europeu. Este que fundamentalmente alimenta as estruturas racistas que permeiam a sociedade, fazendo com que características dessas identidades se relacionem com a ideia de valores e categorização que são hierarquizados, produzindo estereótipos que reforçam o imaginário difundido socialmente.

Dessa forma, nas favelas, as pessoas são vistas apenas com as características socialmente desvalorizadas, por motivo de ainda carregarmos a herança colonial, ou seja, ser negro, pobre, morador de favela é ser desvalorizado socialmente.

Por isso considero que é muito importante para todas essas pessoas o resgate da cultura negra, mostrar as resistências acontecidas, principalmente para os jovens negros, para que se reconheçam com o seu real valor e não com que os foram dados.

Essas reflexões foram decisivas para o estudo realizado nessa monografia. No capítulo seguinte, através da análise das falas dos sujeitos da pesquisa retrato, por um lado: outro ponto de vista acerca da vivência das pessoas nesses territórios - sem os estereótipos que são atribuídos a esse lugar e; por outro, busquei compreender em que medida a cultura negra pode contribuir para o desenvolvimento da identidade e consciência negra, potencializando a resistência e luta contra o racismo e contra a criminalização da pobreza.

CAPÍTULO 2: CPV-CEASM: desconstrução e reconstrução de identidades nos processos de luta contra o genocídio e criminalização do povo preto favelado

2.1 O lugar da pesquisa: O CEASM no Complexo de favelas da Maré

O complexo de favelas da Maré surgiu na década de 40, no momento em que a industrialização atraía pessoas, que vieram do Nordeste, em busca de trabalho. Precisando de um local mais barato para morar, habitam as encostas alagadiças; dessa forma então se constroem nessas regiões barracos e palafitas. Os processos de “modernização” gentrificada, leva a remoção de diversas das favelas forçando a mudança dos moradores destas para áreas mais pobre e remotas. A Maré foi um dos destinos destas pessoas também. Desde a década 40 até os anos 2000, a Maré sofreu bastantes mudanças, pois o único lugar seco na favela era o Morro do Timbaú. O restante do território era um enorme manguezal, que foi aterrado conforme o tempo para dar lugar a muitas famílias. Hoje a Maré é composta por 16 comunidades que formam um bairro reconhecido pelo município desde 1994, esse que se compõe por pessoas que possuem baixos salários.

O curso pré-vestibular (CPV) no qual desenvolvi meu trabalho de campo para esta pesquisa é uma das iniciativas do Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM). Esse espaço foi criado – de acordo com o relatado na Carta de Princípios do CPV-CEASM - por um grupo de moradores que tinham uma trajetória de militância em movimentos sociais dentro das favelas. Esse mesmo documento define que tal curso é:

“Voltado para ampliação das possibilidades educacionais e culturais dos moradores da Maré, o Curso Pré-Vestibular tem como objetivo o acesso ao ensino superior em condições de igualdade e como um direito fundamental. Partindo dos conteúdos necessários aos exames vestibulares, sua prática é integrada a uma formação política e emancipatória e propõe como contribuição a formação de novos atores políticos na intervenção das mudanças necessárias no alcance de uma sociedade mais justa e igualitária.”

Os entrevistados trouxeram alguns aspectos que acrescentam no conhecimento acerca da origem deste espaço. A primeira turma que se formou no CEASM, começou na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, uma igreja católica. De acordo com o entrevistado 4, isso já nos informa sobre o perfil político de seus fundadores:

“Então a da primeira turma que se formaria no CEASM, que não começa aqui nesse espaço, começa na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, que é uma igreja católica. O que demonstra

muito as características iniciais do CEASM. Os fundadores iniciais eles eram militantes, eram todos universitários formados, a maioria já trabalhando na sua área e todos eles tinham uma experiência de militância, seja na igreja católica ligada a teologia da libertação que a parte progressista da Igreja católica, uma influência muito grande do Paulo Freire ou era militante do PT, que na década de 80 ele tinha uma base social, na verdade ainda tem, mas na década de 80 muito mais nas periferias, nas favelas e na Maré não era diferente. Então essa galera que era militante, formou o CEASM com essa perspectiva, muito influenciada com a ideia de fazer uma contra hegemonia ao que tava posto ali para a gente e muito influenciada pela educação freiriana”.

O CEASM origina-se no final da década de 1990, momento de aprofundamento das políticas neoliberais no governo de Fernando Henrique Cardoso e de crescimento do número de ONG,s no Brasil, especialmente no RJ. Alguns entrevistados destacam que, ser por ser uma ONG, o CEASM enfrenta algumas contradições, no que diz respeito as suas concepções político-pedagógicas:

“O CEASM é uma ONG, uma ONG funciona como uma empresa, paga a certidão, tem que pagar as pessoas e tudo mais. Então tudo isso existe limitações nesse processo, nosso processo educativo é baseado na ONG. Tem um ponto positivo e o ponto negativo. O ponto positivo é, às vezes, a gente pode a partir de apoios conseguir determinadas ajudas que vão potencializado o ensino, em contrapartida nós somos uma ONG, então existe um limite até onde pode atuar. Se eu tenho um patrocínio que vem da Petrobras, por exemplo, eu posso fazer uma nota de emissão do corpo coletivo do CEASM criticando a Petrobras? A Petrobras é o nosso financiador será que eles vão aceitar isso? Tem várias questões problemáticas na ONG, mas dentro da liberdade que nós temos aqui no CPV eu acho que é possível sim, você ter um processo crítico e de desenvolvimento de educação diferenciada”. (ENTREVISTADO 3)

O espaço do CEASM foi escolhido por ser identificado enquanto uma potência de lutas e resistências aos padrões hegemônicos ao qual o favelado é enquadrado socialmente. Sendo assim, conforme apresentarei o longo do capítulo, um dos projetos do espaço onde encontro em maior força essa potencialidade é o Curso Pré Vestibular (CPV), que por meio da educação emancipatória realiza um processo de desconstrução do senso comum e uma formação humana que contribui para que a juventude preta e favelada tenha um olhar mais crítico e questionador sobre a condição e realidade social na qual está inserido, assim como, potencializa-o para a transformação das mesmas.

Para entender como funciona esse projeto os educadores entrevistados foram escolhidos pelo fato de sua trajetória e lugar de fala em dois processos distintos: a) todos são negros e moradores da Maré e; b) todos foram estudantes do CPV-CEASM e que atualmente são educadores nesse espaço, em especial no CPV. Foram escolhidos 4 educadores, entre 20 e 40 anos, sendo 3 homens e 1 mulher, distribuídos nas disciplinas de redação, geografia, história e matemática.

Fiz esse recorte de perfil, entendendo que por meio das falas destes sujeitos seria possível observar o percurso ideológico do CPV, as diferentes perspectivas de vivências e a desconstrução de um imaginário social dominante, por meio de uma educação contra-hegemônica.

As entrevistas foram utilizadas como um caminho para compreender em que medida o reconhecimento da cultura negra pode-se constituir como um dos instrumentos de descriminalização da pobreza e dos negros. Nos diversos aspectos que analiso a seguir, será possível perceber em comum, no depoimento de todos os participantes, tendo uma centralidade no que diz respeito ao CEASM ser um local onde todos esses educadores se perceberam de alguma maneira desconstruídos, tendo uma ampliação de mundo, se vendo enquanto sujeitos questionadores aos padrões impostos socialmente. Poder-se-á, ao longo dos depoimentos dos entrevistados, verificar que tal processo acontece de múltiplas formas, atuando em vários aspectos que não só a educação, mais no processo identitário, cultural, social, emancipador, ou seja, atuando em varias dimensões do saber.

2.2 CEASM enquanto um espaço de potência de desconstrução e resistência

O espaço atua em varias dimensões de saberes para combater e resistir à violência do território. Parte dessa dimensão pode ser entendida, já enquanto um movimento de desconstrução, por ir de encontro aos estereótipos apresentados socialmente sobre as favelas, segundo afirmo no capítulo anterior, que são difundidos por uma estrutura racista e classista que faz entender o morador do território enquanto “vagabundos que não querem nada com vida”, isso pode ser visto nos seguintes depoimentos:

“Eu observo essas resistências voltadas mais nos aulões que acontecem, a gente consegue explicar os assuntos e tudo mais, trabalhar temas não só a questão da Resistência mas o contexto de violência que existe na Maré do povo pobre e preto dentro na Maré que passa por situações no cotidiano, no seu dia, um exemplo é um dia de operação quando tem operação durante o dia, que após esse dia galera ainda vem com a cabeça boa com sorriso no rosto para poder estudar. Isso é uma resistência contra todo sistema do Estado do Governo do sistema de violência para tentar impedir essa pessoa de querer mudar. Outros por exemplo dizem: nunca vai mudar então para que eu vou continuar estudando? Mas não a galera continua e permanece estudando, permanece vindo para o CEASM estudar.”(ENTREVISTADO 1).

“Dificuldades, eu acho que estar na favela tem seus prós e contras, a gente tem que enfrentar semanalmente, às vezes mais do que uma vez na semana às questões de guerra ou entre facções ou entre a polícia e os traficantes. Isso é óbvio que é uma dificuldade para qualquer espaço que está aqui dentro em termo de que não consegue funcionar se

está tendo tiroteio. Hoje mesmo, teve operação e o preparatório que está no CEASM não funcionou, porque não tem como você por risco a vida das pessoas por nada. Então a questão da violência tanto do Estado quanto das próprias facções isso é impeditivo que muitas vezes dificulta” (ENTREVISTADO 2)

Outro aspecto desta resistência é destacado pelos entrevistados através da educação numa perspectiva emancipadora e como uma importante ferramenta de resistência. É possível perceber através das seguintes falas:

“Então meu mundo era casa, ajudar minha mãe, estudar e é isso esse era meu mundo. Então quando eu fui para o CEASM, meio que deu uma ampliada de 360 graus sobre o mundo e sobre mim né?! Essa coisa de ser favelado, de ser preto, tudo isso era questões que estavam em mim óbvio. Mas que eu não tinha oportunidade de externalizar, questionar, pensar, e enfim buscar outras alternativas. E hoje como tem muitas mais opções, mais informações, a internet está aí a galera não acha que isso aqui é inovador, porque já tem muitas outras oportunidades e possibilidades das galeras se informar e desconstruir vamos assim dizer.” (ENTREVISTADO 2)

“Como a gente é um pré-vestibular, de certa forma a gente está sempre preso a essa contradição de, como a gente não pode se liberar totalmente daquele conteúdo que vão ser cobrados naquela determinada prova, a gente resolve essa contradição pedagógica de maneira extra-curricular, sempre fazendo ações de pedagogia fora da sala de aula, que a gente busca esse maior diálogo com os conhecimentos que a gente quer propor, então os nossos chamados aulões, sempre foram nossos forte, que é uma oportunidade que a gente tente fazer um outro tipo de atividade extracurricular fora daquele padrão estabelecido da educação tradicional, é uma forma de promover um diálogo maior com as diversas áreas do conhecimento.” (ENTREVISTADO 4)

Além disso, acredita-se que pelo processo educativo do CEASM seja possível fomentar discussões sobre o senso comum e auxiliar nos processos de desconstrução, sendo também uma forma de resistência:

“Então eu acho que tem que saber trabalhar essa problemática e eu procuro trabalhar nesse sentido, para que eu possa gerar um processo de identificação para um aluno que é negro e gerar um processo de incômodo no aluno não negro. Então na verdade são duas ações para resultar no mesmo processo que é a desconstrução em relação à questão racial.” (ENTREVISTADO 3)

“Em geral nos aulões como eu falei lá no início, quando a gente pensa na gente e nos estereótipos que o favelado tem, a na favela só tem bandido, ah na favela a galera não quer estudar, na favela tem só tem violência, não tem nada mais que violência. Eu acho que essas temáticas sempre vão desconstruir isso né.” (ENTREVISTADO 2)

“Porque são coisas que a gente vive então aulão da mulher como eu falei ele tinha um caráter mais histórico e a gente começou a trazer ele mais para a realidade, então por exemplo, quando a gente fala do aborto, porque o aborto é algo polêmico porque algo que enquadra mulher e é algo que está ligada à religião, algo que está vinculado a mulheres pretas. Então tudo isso tem a ver com quem a gente é, tá vendo. A gente vem tentando melhorar abordagem desses temas, não só escolher as temáticas certas mas também, tentar

melhorar a forma de abordar essas temáticas e a forma de aproximar o educando dessas temáticas, para que seja mais efetivo o trabalho de aprendizado.” (ENTREVISTADO 2)

2.3 Processo de identidade do espaço e de suas praticas educacionais

Pode-se perceber nas entrevistas que os educadores conseguem de forma muito nítida denunciar a construção social de um imaginário na perspectiva racista e classista a qual me refiro no primeiro capítulo. Além disso, essas pessoas entendem o que seria isso ao longo da vida de pessoas negras e em sua própria vida. Essas questões aparecem nas falas na medida em que dizem sobre os estereótipos, os preconceitos e a marginalização.

O reconhecimento da cultura negra ajuda a perceber e construir uma identidade, a ter um olhar sobre outras perspectivas, outras historias, conhecer sua própria historia e potencializar uma luta. Muitas vezes as pessoas sabem que o racismo e o elitismo nos atacam, mas não sabem de que forma. E nas declarações é possível perceber o reconhecimento da cultura negra enquanto um potencial para lutar e resistir ao senso comum, mas principalmente pra conhecer a si enquanto negro, pobre e morador de favela, possuidor de uma historia que a todos os momentos e de todas as formas lhe foi negada.

Dessa forma, através dos seguintes depoimentos podemos ver esse processo de construção de identidade que o CEASM proporciona através de alguns aspectos. Como por exemplo, o fato de utilizarem a historia dos alunos para construírem seus conteúdos educacionais. Outrossim, usa da ferramenta de autogestão para construir ainda mais uma identidade do educando no espaço.

“Essa ideia de África como país é uma é um absurdo porque, você trabalha com a ideia de unidade, e aí quando você tem um cara na história ou na geografia que se junta, aí o cara da física vai buscar alguma ideia africana, o cara da matemática e nas outras ciências, você consegue em o entendimento da questão negra, que podem ser ali um chamariz para esses alunos negros que não ainda não se identificam como negros, por toda a conjuntura racial que tem no Brasil. No meu caso o meu modo de atuar no início do ano eu procura reservar por exemplo do início do ano três aulas de formação da população brasileira, uma aula falando dos portugueses, outra dos indígenas e outras dos negros. E aí essa aula falando dos negros e uso da arte, da música, do Samba qual referencial que a música começa a trazer para as discussões a diáspora e tenta fazer entender que as questões negras estão presentes para todos nós, não só para quem é negro especificamente, mas para o branco que mora na favela que também é importante a questão negra, o racismo ele não é somente associado aos negros. Nesse sentido a gente consegue abrir discussões, mas como falei, nós não temos o foco racial, então não dá para você trabalhar como por exemplo, eu já vi em outros pré-vestibulares que você trabalha o ano todo a questão Negra, aí você deixa de trabalhar outras coisas que são interessantes que não são diretamente das questões de negras, mas que perpassam em grau e aí na minha concepção é uma opção pedagógica você só focalizar a questão negra ou não focalizada questão

negra, essa questão tem que estar aí e embutida no meio desses processos educativos, que eu acho interessante serem feitos”(ENTREVISTADO 2).

“Porque você nunca pode levar alguém ou pedir para alguém um caminho que você nunca foi. Você não pode perder aquilo que você não tem. Então nessa formação intelectual, você precisa pesquisar, você precisa conhecer, você precisa entender o outro, ter habilidade de se relacionar. Eu posso ser intelectual e saber de várias coisas, mas faltar habilidade de se relacionar com as pessoas não é ser intelectual é ser ignorante. Porque muito mais do que os livros vão te trazer de conhecimento é o conhecimento do convívio do dia a dia, com cada um as pessoas, as emoções, as alegrias, as tristezas, as transformações, as dificuldades, então isso é o que contribui mais para o nosso lado intelectual. Porque você vai buscar a desenvolver para ajudar essa pessoa, não trazendo seu nível porque seu nível não é diferente, mas potencializar essa pessoa. Então esse espaço coopera com isso, coopera com convívio e juntamente com o convívio traz um crescimento intelectual e interpessoal também.” (ENTREVISTADO 1).

“Eu acho que a primeira coisa na metodologia de aprendizado e ensino que a gente tenta adotar, óbvio que como você falou a gente não consegue fazer tudo que a gente gostaria, mas a gente tenta a partir da educação que inclua o educando como um ser que é aprendiz, mas que também tem seu conhecimento antes de chegar aqui. Então a gente parte desse pressuposto, que o aluno não é um ser que é vazio ele é um ser que tem seus conhecimentos, suas experiências, suas histórias, suas dúvidas sobre a sua própria identidade e tudo isso a gente leva em consideração.” (ENTREVISTADO 2)

“Então a proposta é que aqui a gente tenha espaço para debater essas coisas, e aí quando se debate essas coisas você está ampliando a visão sobre si mesmo, visto que têm pessoas que diz: “ah, eu sou uma mulher, sou favelada, eu sou preta e nunca falei sobre isso. Como que eu vou me conhecer e me posicionar diante de sistema, se eu não tenho espaço para debater sobre isso ou se quando vou te bater sou sempre julgada ou ridicularizada?”Então a ideia é que a gente construiu um espaço que traga essa possibilidade de abertura.” (ENTREVISTADO 2)

“Então essas questões elas têm que ser tocadas e a crítica das atividades está na pedagogia que você aplica nela. Não dizendo: Ah, vamos a Ouro Preto? Sim, eu posso ir a Ouro Preto, com os meus alunos da ilha do governador e reproduzir lá uma aula senso comum que não vai mudar em nada a vida deles, porque eles estão com a vida ganha. Agora aqui não, aqui se eu vou a Ouro Preto eu preciso tocar na questão racial. Esse é o Ponto central, “olha a violência de Ouro Preto, olha como é rico a partir da exploração do escravo, olha quanto ouro tinha aqui e nada ficou na mão dos escravos.” (ENTREVISTADO 3)

Os depoimentos a seguir trazem uma historicidade e identidade do espaço, do que de fato acreditam e em que perspectiva se desenrola os processos educacionais.

“Acho que a primeira coisa que seria bom você saber é que apesar dos CEASM não ter um projeto pedagógico escrito, a gente sempre teve algumas influências, muito evidentes desde o começo. Que como são as influências pedagógicas do CEASM. Como eu falei na outra antes, a educação popular de Paulo Freire, a ideia da teologia da libertação, e isso na nossa Fundação que eu estou dizendo, Paulo Freire, teoria da libertação e pedagogia crítica do conhecimento tem um autor específico que também da base para isso que é o autor chamado Demerval Saviani, ele trabalha em uma perspectiva diferente da do Paulo Freire, só que no CEASM as duas perspectivas acabam se casando. Do Paulo Freire o

CPV sempre tirou a ideia de Reconstruir o conhecimento a partir de uma perspectiva de formação de uma consciência crítica. Do Paulo Freire, a gente sempre pegou isso que tem muito a ver também com as influências da teologia da libertação, só que a teoria do Paulo Freire em si, ela não seria suficiente para dar base como uma iniciativa que é essa, porque a educação que o Paulo Freire pensa popular é uma educação cujo conhecimento emerge totalmente do povo, não do conhecimento que ele chama de um conhecimento bancário, o qual a gente recebe sem ter feito participação nesse conhecimento, é o conhecimento que é cobrado para a gente pelo vestibular, que é um conhecimento totalmente bancário. Então Paulo Freire por si só, ele não seria possível dizer que o CPV é totalmente freiriano. A gente tira do Freire e da teologia da libertação a ideia da formação de uma consciência crítica daquela pessoa para você construir a formação de um pensamento autônomo. Em relação aos conteúdos o Saviani, deu uma base de sustentação para o CEASM, que é o seguinte o Saviani diz, ele é um autor marxista no campo do Marxismo e ele vai defender que esses conteúdos que estão dados aí, precisam ser passados para todas as pessoas mais de uma maneira em que os conteúdos sejam colocados essencialmente em que sentido que o conteúdo seja trabalhado com aquele estudante de uma forma que as pessoas entendam, que aquele conteúdo ele não é neutro ele foi construído a partir de uma perspectiva e que você pode olhar aquele conteúdo sobre outra perspectiva. Então a junção dessas duas correntes dá uma base pedagógica para atuação do pré-vestibular, outras vão se seguir ao longo do tempo. Hoje por exemplo apesar disso não está enunciado em lugar escrito, eu enxergo também a pedagogia do CEASM, dentro de uma perspectiva anti-colonial, que é uma perspectiva que inclusive estou trabalhando e vou trabalhar na minha pesquisa de doutorado, que é uma pesquisa que busca primeiro identificar as marcas do colonialismo na nossa formação, que os autores dessas perspectivas chamam decolonialidade e depois trabalhar a desconstrução disso que seria uma educação decolonial, o **de** de negação. Então hoje eu entendo o CEASM, numa perspectiva muito ou quase que inteiramente mergulhada nisso de construir uma educação decolonial, que ajuda a gente a romper com essas heranças do colonialismo na nossa formação. E aí sobre as questões das ações de sistemas das atividades ligados nessa perspectiva descolonial, porque são temas que a todos os momentos trazem para a gente a discussão do conhecimento sobre outras perspectivas, e de uma forma que não está ali encaixotado naquele formato sala de aula”. (ENTREVISTADO 3)

“Como eu falei não é uma Pedagogia do Paulo Freire, Paulo Freire é a nossa orientação à bússola que a gente tenta seguir, embora (que) a pedagogia do Paulo Freire... ela não está preocupada com vestibular, está preocupada com outras questões, por exemplo, se eu vou no nordeste eu alfabetizo aquela região do nordeste, que pode ser uma região de fome, a qual a palavra-chave que eu tenho aqui é: fome, miséria, pobreza, campo e enxada. Então são palavras que eu vou alfabetizar pessoas são, fome, miséria, campo e enxada. F-O, Fo, M-E, me, fome! O fome para você? Ah, fome é isso. Então você problematiza a toda uma discussão, por isso que ninguém quer discutir a pedagogia Paulo Freireana, mas essa pedagogia não está preocupada em por exemplo, estar alinhada com o vestibular, nós somos uma ONG, a qual função do nosso projeto, a ideia do projeto é você entrar numa universidade, ser crítico, isso cria impedimentos, eu não posso, mas eu adoraria chegar aqui fazer uma aula de conteúdo de geografia que eu acho que são importantes, mas se eu fizer uma aula só com os conteúdos que eu acho importante eu vou jogar fora a metade do que o vestibular está cobrando. Pra que serve estudar o cinturão agrícola dos Estados Unidos? Isso não serve para nada, mas eu sou obrigado a trabalhar com isso de alguma forma, por isso que eu digo que nós não somos uma Pedagogia pluralmente do Paulo Freire, nós vamos usar subsídios do Paulo Freire, mas somos críticos sociais dos conteúdos”. (ENTREVISTADO 3)

“Hoje o CEASM já está dentro de um contexto histórico um pouco diferente que é um contexto de avanço nas lutas de políticas afirmativas nos anos 2000 que coincide com a era Lula, já é um momento em que o pré-vestibular do Brasil está devidamente fortalecido

e CEASM é um deles. A gente já vive os frutos nessa época, desse avanço, dessa luta pelo acesso à universidade, aí nesse segundo momento como educador eu percebo um discurso mais forte em relação a identidade negra, no primeiro momento não, mas no segundo momento. Isso tem muito a ver com essa militância do movimento negro nos anos 2000, com a política de cotas, aí eu já sinto que o discurso aqui no CEASM já começa a caminhar nesse sentido para usar um pouco mais a identidade da população negra, para ser um pouco mais incisivo na questão do racismo, isso começa a acontecer mais nessa segunda parte da história do CEASM no ano 2005 para frente.” (ENREVISTADO 4)

Então hoje o espaço é construído a partir de um estímulo à autogestão, fazendo que o aluno tenha mais protagonismo, sendo assim são feitas frequentemente assembleias entre educadores e educandos para discutirem o projeto. E as temáticas das aulas abordadas também partem das demandas de vida dos alunos, pois um dos princípios é ver o educando enquanto uma pessoa que chega no espaço já com bagagem que é importante e pode ser trabalhada. Então trabalhar em cima disso muitas vezes pode desconstruir questões e trazer um processo de identidade para o aluno.

“porque a galera não tem participado tanto esse ano, a gente conseguiu dar um pouco mais de atenção e eu tenho visto que a galera participou mais, está se apropriando mais do espaço e tanto é que a galera foi, abriu a cantina está tomando conta da cantina, fez o sarau sozinho, se organizaram para fazer, estão participando das assembleias. Mas isso muda muito de acordo com o ano e como que naquele ano a favela está, a situação política, e tudo mais. Mas basicamente é um grupo muito mais novo, na minha época era um grupo mais velho, tinha uma mescla, tinha gente nova, mas tinha muita galera da antiga, adulta mesmo. Hoje o perfil do CPV ele é muito jovem e por isso eu acho ele um pouco mais não tão engajado, não aprendeu a participar dos processos de como eu falei” (ENTREVISTADO 2)

“As temáticas escolhidas que são essas temáticas: reforma da Previdência que é algo que impacta a nossa vida enquanto o povo favelado, o racismo que é algo que a gente vivência e às vezes e vivência sem refletir sobre. Então trazer isso é importante, dia da mulher outro tema que fala de gênero que fala da desconstrução de monte de coisa que a gente vê esses estereótipos. Então são demandas que a gente acha importante porque são parte da nossa vida, e isso a gente não discute né?!” (ENTREVISTADO 2)

“O CEASM acabou surgindo como uma iniciativa que pretendia desde o começo ir além dessa preparação, para uma prova de vestibular, a nossa ideia é trabalhar com os estudantes, a galera que estava saindo da escola ou que estava fora da escola algum tempo trabalhando em outra perspectiva de conhecimento, no sentido de que as pessoas passassem a se reconhecer de fato, com a sua própria história e isso só seria possível, só é possível quando você reconstrói seu conhecimento, a partir da perspectiva cultural daquele determinado povo, no nosso caso considerando a sociedade brasileira com Profundas heranças africanas, um dos pilares do CEASM sempre foi a gente trabalhar a questão da valorização da identidade e superação dos racismos” (ENTREVISTADO 4)

“Mas mesmo quando o próprio propositor do projeto não tem essa intenção, mas aquele cara que vai ali naquele projeto de alguma maneira ele acaba construindo também identidade dele, como morador de favela, como negro ou negra.” (ENTREVISTADO 4)

“A maré hoje é o conjunto de favelas que mais tem universitários no Rio de Janeiro, e isso gerou e tem gerado muitos impactos aqui, e um deles é isso o surgimento de vários

movimentos sociais que de muitas maneiras trabalha com a questão da identidade do favelado e também da identidade da cultura negra.” (ENTREVISTADO 4)

“Eu acho que, do que eu estudei para o que é hoje, houve uma melhora na questão de representatividade negra, na questão que envolve a problemática do negro do em si, e de trazer para as discussões o que é importante pelas experiências que são colocadas, também acho que acaba sendo importante e na minha situação enquanto educando para minha situação enquanto educador, eu acho que é maneiro porque eu passei pelo mesmo processo que a galera passa hoje, então eu consigo trazer uma análise do que é estar dos dois lados, e do que é estar dos dois lados enquanto aluno negro.” (ENTREVISTADO 3)

“E aí você vai consolidando outros processos de identidade mais rapidamente que outros processos, por exemplo, de identidade Cultural e Identidade territorial nesse sentido que outros espaços da maré é um espaço que você pode discutir a questão de identidade, e identidade negra.” (ENTREVISTADO 3)

Segundo a Carta de Princípios do pré-vestibular, o projeto está voltado para a ampliação das possibilidades educacionais e culturais dos moradores da maré e possuindo uma formação política e emancipatória e propõe como contribuição a formação de novos atores políticos na intervenção das mudanças necessária no alcance de uma sociedade mais justa e igualitária.

Porém é possível visualizar através em todos os relatos que o espaço inicialmente não era assim nos períodos de quando eram estudantes para agora enquanto educadores, o processo mudou.

“O CEASM mudou muito, então assim na época que eu estudei era uma instituição que tinha lá seus ideais, mas é uma instituição que se compunha pelas ideias basicamente da direção e dos educadores. Não era tão aberta as intervenções dos educandos como hoje é. Como a gente tem um grupo muito bem estruturado, muito bem coeso em termos de idéia e ideologias, a gente acha importante que os educandos participem das coisas. A gente tem uma abertura bem maior do que na época a gente tinha no projeto em si.” (ENTREVISTADO 2)

“Sim, por exemplo, quando eu fui aluno não tinha semana de África, a semana de África foi um ganho. Eu acho que quando fui aluno não tinha um debate racial como se tem hoje. Você tem mais pessoas para essa discussão racial e fazer a discussão racial significa pensar em outras formas de educação também, então acho que hoje a gente tem uma conjuntura muito melhor do que eu tive a seis anos atrás, sete anos atrás, quando eu fui aluno. Eu me lembro que quando eu fui aluno um professor que tocava muito forte na questão racial era Humberto, os outros fluuavam aí por outros temas, mas não tinha uma focalização nesse sentido. Então hoje eu vejo que tem muito mais pessoas que estão agregando a questão negra na sua temática e também por ter hoje talvez mais pessoas que se identifiquem enquanto negros no próprio corpo docente, Eu acho que isso é importante para desenvolver o processo educativo que tem aqui nos CEASM.” (ENTREVISTADO 3)

Outra importante mudança destacada pelos entrevistados é a potencialidade no que diz respeito às questões raciais que antes já existiam, mas hoje se torna mais forte. E o engajamento dos alunos nas atividades e nas propostas. Pois antigamente o espaço era aberto mais nem tanto

para interagir com as propostas dos alunos até mesmo porque estes não eram acostumados com esses tipos de atividade.

“A gente tem uma abertura bem maior do que na época a gente tinha no projeto em si. E a gente tem o mesmo objetivo, não mudou e eu acho que a metodologia se baseia mais ou menos na mesma coisa, só que agora a gente consegue implementar um pouco mais essa coisa da educação emancipatória, você só pode emancipar se o cara está ali contigo fazendo, se você fizer por ele você não está dando autonomia e nem ouvindo com ele, você está fazendo por ele. Então acho que essa é percepção da gente que mudou mais, essa abertura que hoje se dá para o educando propor coisas, fazer coisas, discordar, opinar, votar. E aí óbvio que tem resistência, porque a galera não está acostumada a participar dos processos decisórios. E aí não participam muitas vezes, a gente tá tentando abrir cada vez mais pra que a galera participe da decisão em construção e nos últimos anos isso vem sendo aprimorado.” (ENTREVISTADO 2)

Sendo assim é possível perceber um processo de construção de identidade de diferentes formas e acompanhar como esse processo se forma a partir das percepções ao longo do tempo.

2.4 Prazer e desprazer com a educação:

Como afirmado no primeiro capítulo, pessoas são violentadas de varias formas diferentes, subjetivas ou não, mas muitas vezes a percepção falha, pois socialmente não fomos educados para ter “*esse olhar*” desenvolvido. A partir das entrevistas foi possível notar que essa violência está presente em muitos espaços e processos que atravessam nossas vidas, trazendo diversas consequências o que faz com que tais violentados tenham grandes dificuldades nos processos que são desenvolvidos ao longo de sua caminhada. Nas entrevistas podem ser identificados prazeres e desprazeres com o processo educacional, ainda sendo possível observar relatos de diferença desses processos.

“na minha época eu achava o CEASM o máximo, porque eu não tinha outro espaço para fazer tudo que eu fazia no CEASM, ia ao cinema sem ser no shopping assistir outros filmes e apreciar, eu fazia cursos para apreciar filmes. Quando eu ia imaginar que ia estar discutindo sobre um filme ou sobre a construção desse filme? Ou ia num dia de cinema para debater o filme, as Histórias que estavam ali, as coisas que estavam ali? Ou quando eu ia fazer atividades na floresta da Tijuca? Tudo isso foi muita novidade para mim, porque eu não tinha acesso a essas coisas.” (ENTREVISTADO 2).

“E para mim era um sonho dar aula aqui, lugar onde eu tinha estudado. A imagem que a gente tinha era que para dar aula aqui o cara tem que ser f***, porque aqui sempre teve Professor fera, aí eu pensei caraca será que eu vou dar conta disso? E nessa época tinha turma de manhã aí eu peguei com muita felicidade, muito medo, aí felizmente deu certo e aí eu nunca mais parei.” (ENTREVISTADO 4)

“Então foi muito problemático a minha estadia neste colégio religioso. Entre várias outras violências por exemplo, em todos os esportes eu sou canhoto, mas na hora de escrever no quadro, eu sou destro porque eu fui obrigado a aprender a escrever com a mão direita, e eu escrevia com a mão esquerda, e eu fui obrigado a escrever com a mão direita. Isso é uma violência pedagógica que eu sofria na escola. A escola foi muito ruim nesse sentido para mim, eu sempre senti essa pressão que é pressão que o negro sofre, pra você está no lugar, você tem que ser o melhor, ser bom não basta, tem que ser o melhor e eu tive que ser o melhor para manter as minhas notas. Porque se não perdia minhas bolsas e perder minhas bolsas geraria um problema em casa, minha mãe queria tanto que eu estudasse numa escola boa, que fosse religiosa, eu odiava aquela escola, mas reconheci que tinha todos os professores e que me deu uma boa base depois para avançar nos estudos, agora quando eu entro no CEASM, eu saio de uma situação que eu tinha desprazer para uma situação de prazer, porque aqui eu comecei a me identificar muito mais, e a ter mais prazer de me estudar coisa, que eu não tinha quando eu ia para escola ao longo de todo o Ensino Fundamental básico, como todo fundamental eu não tive o prazer de ir para escola, a não ser na parte da tarde que eu jogava bola, futebol, tênis, vôlei. Agora, sala de aula eu nunca tive prazer e quando eu entro no CEASM, eu tenho esse prazer de estar na sala de aula, os professores, me agradavam, eu tinha uma relação muito boa com todos os professores.” (ENTREVISTADO 3)

2.5 Processo de preparação para o ingresso a universidade:

Ainda falando sobre espaços e violência, é preciso destacar a universidade pública, que é um espaço predominantemente ocupado por um recorte da sociedade. É um espaço que para o favelado pode ser muito difícil se manter, situações relatadas nas seguintes falas:

“Por que na própria Universidade você vai perceber isso quando você entrar nela, ela é um espaço emburrecedor infelizmente não é aquilo que você acha, que eu vejo muito certinho como aquilo que a universidade deveria ser, um espaço de constante debate crítico, conflito, onde você está sempre construindo pensamentos autônomos, a universidade infelizmente hoje não é assim, é um espaço que poda a tua capacidade justamente de autonomia e o CEASM ele acaba instrumentalizando você nesse sentido querendo ou não.” (ENTREVISTADO 4)

“E aí junto com os esses processos têm a questão da entrada nas universidades que é um aprendizado muito importante para quem é negro nesse sentido, porque lá você vai começar a entender o que são choques culturais, choque econômico, choque político e choque racial. E aí você vai começando a amadurecer e quando eu volto para o corpo docente, eu tenho uma perspectiva de como eu atuar em cima dos meus alunos que a maioria dos professores que eu tive aqui quando aluno não tiveram, efetuando-se um ou outro.” (ENTREVISTADO 3)

Todos trazem a questão de que a universidade é um espaço cruel, de difícil permanência e que tenta te excluir. No CEASM é realizado um movimento de preparar os educandos a esta realidade desfavorável na universidade. O que também é perceptível é que existe um número significativo de educandos que retornam ao CEASM, seja para darem aulas ou mesmo presente em aulões e eventos, como o sarau. Este evento ocorre mensalmente e é organizado pelo coletivo de educandos e educadores do CPV como forma de agregar diferentes elementos da cultura periférica ao espaço e à formação dos indivíduos que integram o espaço/ território.

2.6 Conhecimento proporcionado além da sala de aula:

Assim como já afirmado, o espaço urbano é segregado tanto em questões financeiras como sociais e raciais, sendo assim os favelados acabam perdendo seu direito a cidade por conta dos padrões que se estabelecem enquanto um modelo cidade que é comparado com as favelas, o que constrói uma dicotomia. Um dos pontos principais das entrevistas é de como se trabalha o pertencimento a cidade por meio da educação, que é feito principalmente através das aulas de campo. Essas aulas trabalham a questão da história daquele espaço e muitas vezes a relação da vida do aluno com o mesmo, a desnaturalização do não pertencer e das coisas que são impostas e já estabelecidas no senso comum. A partir dos seguintes depoimentos é possível observar a importância de tais trabalhos para a luta pelo direito à cidade que foi potencializada pelo reconhecimento da cultura negra.

“Então tá, eu tenho uma ótima escola, só que meu pai está desempregado ,se ele está desempregado isso significa que eu tenho risco de fome na minha casa, risco de despejo, eu não tenho saúde de qualidade, então viu, como eu tenho vários outros problemas que estão para além da sala de aula e que a educação sozinha não resolve. Essa é a educação como fábula, estude que você vai chegar lá. A educação como ela é, perversa segregadora é o vestibular, é escola técnica, é o funil que é, uns entram e outros não. Nós que estamos na universidade ou prestes a entrar na universidade, somos privilegiados dentro da Maré, a gente é menos que 1% desse bairro. Então olha como é segregador essa educação, que permite que nós, favelados, e universitários, podemos adentrar no ensino e os outros que são colocados para fora? Viu como a educação é perversa? E o que eu acho que o CEASM propõe, outra educação que seja menos individualista e mais coletiva e que seja pelo bem de todos, não pelo benefício de alguns em específico”. (ENTREVISTADO 3)

“Vou exemplificar com atividade que aconteceu no passado, que eu achei que foi a primeira vez que me desconstruiu e impactou mais ainda os alunos quando nós fomos Ouro Preto, nós tivemos o prazer e o desprazer ou as duas coisas ao mesmo tempo de visitar uma mina de ouro, o Humberto não conseguiu entrar por causa da áurea que aquela coisa tem. A gente entrou lá dentro e podemos perceber de uma maneira turística, como era a realidade de vida de um escravo lá dentro, o teto é baixo, a parada é estreita, o ar é úmido, é perigoso. Então são aprendizados, entrar nenhuma mina não é um aprendizado que eu jamais vou descrever em um texto em sala de aula, não tem como, nem através da minha oralidade, aquilo é sensação. Quando lá o Humberto não conseguiu entrar na mina, aquilo é uma sensação que ele teve, e que é indescritível, é dele, ele sabe, ele já sabe a questão teórica ou prática do que foi racismo, mas naquele dia ele viu algo que atingiu os sentidos físicos dele e as subjetividades.” (ENTREVISTADO 3)

“Então você está sempre aprendendo de alguma forma, aliás na conversa de Boteco você aprende muito mais do que na sala de aula, porque você não tem determinadas regras a serem seguidas. E aí eu me lembro que muito da construção pedagógica de Magistério que eu tenho foi construída em um boteco, eu me lembro que eu saía da aula daqui, normalmente no sábado a gente saía as 17 horas da aula de redação e ficava Zé Toré até as 10 horas, conversando, discutindo, bebendo e comendo com os amigos e conversando, e é uma conversa muito mais solta sem rigidez dá que se tem em sala de aula, então tem

coisas que eu não posso falar na sala de aula, mas que eu posso falar lá” (ENTREVISTADO 3)

“então o aulão no centro da cidade é importante para a gente entender a escravidão no Brasil, que ajuda a gente também a construir a sua própria identidade da população negra na favela, entender como aquela área da cidade foi construída, por isso a gente faz esse aulão, por isso a gente tem esse objetivo pedagógico para algumas aulas. A do centro é essa, quando a gente leva o pessoal lá e a gente quer fazer com que eles entendam que a identidade dela está profundamente marcada por esse passado nosso. Então a gente se esforça nesse sentido. E quando a gente faz uma aula no centro sobre remoções, a gente também quer fazer pedagogicamente com que aquela pessoa entenda que a cidade também é constituída a partir de determinadas ações que não são neutras, que a cidade está configurada de alguma forma a privilegiar classes de maneiras diferentes, acho que cada ação pedagógica está vinculada com esse tipo de educação anticolonial”.*(ENTREVISTADO 4)

“E a gente tem uma dificuldade ainda hoje de conciliar o conhecimento acadêmico, com o conhecimento da vivência. E enquanto educadora eu tento sempre, mesmo a minha disciplina sendo sempre muito questionadas, as pessoas têm certa apatia com a matemática, certo distanciamento, eu tento fazer essa ligação entre as coisas que a gente vive e as coisas que a gente aprende na academia. Então isso foi outra coisa que me despertou o CEASM, que eu aprendi em muito na sala de aula, mas eu também aprendi a muito no conviver com os meus colegas, nas atividades extraclasse, nas atividades que a gente fazia fora do ambiente de sala de aula. E que ao meu olhar enriqueciam minha percepção sobre o mundo, são coisas que vai ficar para a vida. E essa coisa que a gente tenta fazer aqui também até hoje que é mostrar o aprendizado sobre outras perspectivas que não só livro e sua sala de aula.” (ENTREVISTADO 2)

A ferramenta principal utilizada para qualquer desconstrução do CEASM é a educação, uma das coisas trabalhadas por meio dessas ferramentas é a luta, aguçar os olhares para as perspectivas de mundo e tentar descolonizar nossas vistas. Conforme já afirmado anteriormente a favela é vista com olhares de extremo preconceito e possui estruturas não dignas. Um dos papéis essenciais do CEASM em relação a isso é através da utilização do pensamento decolonial e emancipador utilizado nesse processo.

De acordo com COSTA e GROSGUÉL (2016), ao analisarem o pensamento decolonial e as obras de diversos intelectuais negros e negras, afirmam:

“(…) o que é fundamental no registro e na análise dessas interpretações é a restituição dessas interpretações e práticas políticas e culturais, é a restituição da fala e da produção teórica e política de sujeitos que até então foram vistos como destituídos da condição de fala e da habilidade de produção de teorias e projetos políticos. Rer ler autores que foram silenciados pela academia não significa somente se deparar com testemunhos sobre os efeitos da dominação colonial, significa deparar-se com o registro de múltiplas vozes, ações, sonhos que lutam contra a

marginalidade, a discriminação, a desigualdade e buscam a transformação social (Morana, Dussel, Jáuregui, 2009:10)” (pág. 21).

Pra além de romper com os padrões estabelecidos, tal pensamento decolonial é importante para desconstruir a si próprio. Por exemplo, afirmo anteriormente que o não reconhecimento do passado é proposital. O fato de não nos afirmamos enquanto pretos e favelados por entender tal palavra com uma carga pejorativa, ao invés de uma grande identidade de quem somos, por tal palavra ser imbuída de preconceitos e muitas outras coisas, podem ser desconstruída através desse pensamento, pois, quebram-se ideais racistas e identidades que são construídas através de perspectivas eurocêntricas que mascaram as pessoas da favela, fazendo com que elas sejam vistas como desvalorizadas socialmente.

O CEASM tenta fazer o processo contrário, que é o de mostrar, através da pedagogia decolonial, “quem somos e o que somos” trazendo para sala de aula um empoderamento maior dos educandos, como aponta um trecho da Carta de Princípios:

“No conceito de educação como processo de formação de competência técnica e competência política, no sentido da autonomia e da emancipação humana. Considerando que a política pedagógica adotada no projeto está pautada na educação popular.” (Carta de Princípios CPV-CEASM)

Uma das estratégias adotadas para entender esse processo de construção de identidade é começando a contar a história através de outra perspectiva, mostrando que não existe uma verdade única como nos é passado através dos livros didáticos:

“Também então discutida descolonialidade, discutir a favela e o racismo são pontos que não são separados. Eles estão conectados uma vez que a maioria dos moradores da favela são negros. E a partir do momento que a descolonialidade atua justamente em cima e trazendo para o centro da discussão as questões negras também, então acho que aqui é um lugar que é possível você abrir essa nova perspectiva de entendimento racial e que não é algo que vai ser feito em três aulas, pode demorar um ano, pode demorar 2 anos, pode demorar 3 anos. Pela experiência que eu tenho como aluno e como educador, um ano às vezes é suficiente. Mas dependendo de o quão construída é uma pessoa em uma determinada postura ideológica mais tempo é necessário para desconstruir. Quando você vai ao Centro do Rio é um momento em que você tem passagem pela questão da região do Cais do Valongo, que é uma região por exemplo, recheada de história, cultura e resistência negra embora têm um processo que ele muitas vezes é silenciado. Ali você tem um resquício Arqueológico da questão negra, que os alunos muitas vezes passam pela aquela região e não tem aquela dimensão” (ENTREVISTADO 3)

g

“Quando eu passei por aqui enquanto aluno eu comecei a aprender e depois também com a minha vivência do diálogo com outros educadores fui percebendo que existem outras formas de saber, que vão ser agregadores, que não é questão de dizer: “Olha esses saberes é melhor ou esse outro é melhor e sim que é saber diferente do Acadêmico e outro não é”, talvez eu não saiba aliás, talvez eu não tenha por exemplo, o conhecimento subjetivo do que é estar na favela na posição de traficante de drogas, que atira por ter o medo e tal, eu

não tenho esse conhecimento de subjetividade, mas eu tenho conhecimento talvez da conjuntura política. Então são saberes diferentes que o cara da boca tem, do saber que eu tenho e talvez o meu saber troca com o dele e a gente pode construir numa nova perspectiva. Então hoje eu tenho essa idéia, de que existem múltiplas formas de saberes, a música, arte, a cultura, o livro, a fala, a dança, então existe toda uma paleta de saberes que são variados, diferentes e complementares e que eu acho que essa nova percepção dos saberes eu aprendi aqui, como um aluno e depois como educador.” (ENTREVISTADO 2)

Então este processo é capilarizado através de várias temáticas a fim de produzir um conhecimento decolonial. Dessa forma, a educação se torna um processo de desconstrução, sendo possível perceber na seguinte sequência:

“É uma responsabilidade muito grande porque é você entender que você não está ensinando, que você está compartilhando daquilo que você ama e do seu amor. Eu amo educação e estar na sala de aula. Eu não vou para sala de aula somente para dar aula, eu faço isso porque eu quero então eu passo uma semana fazendo planejamento para dar aula, algumas horas ou minutos de aula. E quando você consegue ou começa a perceber e mapear a transformação desse aluno em uma crescente, você diz: Caraca eu estou no caminho certo, sabe? Eu tô fazendo a diferença para alguém, na vida de alguém. Poderia ser um educador e não se importar com isso mas eu me importo com isso. Não é uma dívida que eu tenho pelo fato de eu estar como educador. Mas caraca eu preciso ajudar a vida de uma pessoa ser transformada pelo educação é o que eu acredito é o que eu amo..” (ENTREVISTADO 1)

Através dessa fala também é possível identificar certo compromisso que professores tem com a educação. Mas nem sempre esse processo de trabalhar com outras perspectivas de historia agrada a todos:

“O pessoal está mais afirmado nas suas posições políticas pelo momento que a gente está vivendo. A minha percepção é essa, eu percebo isso também desde sempre que a desconstrução dessa nossa formação colonial ela é muito dolorosa, ela é muito complicada, não é todo mundo que aceita, tem uns que rejeitam totalmente e vai embora como é o caso de dezenas de aluno no começo, quando eles percebem qual é a nossa proposta, muitos não compreendem e não querem dialogar e isso é legítimo, não querem vou embora.”(ENTREVISTADO 4)

Essa é uma questão que todos os educadores trazem que é difícil conseguir alcançar a todos, pois vivemos em uma sociedade que nos constrói de forma tão agressiva pra que possamos ser mais incisivos no que diz respeito a esse padrão hegemônico. Reiterando, é possível perceber uma preocupação muito constante de todos os educadores sobre a questão do processo de identidade e a abordagem de conteúdos que por muito tempo nos foram escondidos. Conforme afirmei no capítulo 1, a cultura pode ser instrumento de dominação ou de libertação. As falas dos entrevistados revelam que eles têm essa compreensão, daí enfatizarem a abordagem dos conteúdos, dos saberes, dos conhecimentos de varias etnias africanas e dos povos em diáspora; que compreendem que este apagamento enfraquece e oculta a nossa representatividade, a nossa

luta. Percebe-se na fala dos educadores o enfrentamento ao processo de epistemicídio do saber dos povos dominados.

“E como na educação tradicional a gente aprende um conteúdo escolar a partir de uma perspectiva muito colonizadora, sobretudo no que diz respeito á própria historia mesmo, a gente acaba tendo uma formação muito de mente subalternizadas por esse processo de colonialismo” (ENTREVISTADO 4)

“E aí sobre as questões das ações de sistemas das atividades ligados nessa perspectiva descolonial, porque são temas que a todos os momentos trazem para a gente a discussão do conhecimento sobre outras perspectivas, e de uma forma que não está ali encaixotado naquele formato sala de aula, então o aulão no centro da cidade é importante para a gente entender a escravidão no Brasil, que ajuda a gente também a construir a sua própria identidade da população negra na favela, entender como aquela área da cidade foi construída, por isso a gente faz esse aulão, por isso a gente tem esse objetivo pedagógico para algumas aulas.” (ENTREVISTADO 4)

2.7 Temáticas de atividades:

Entendendo o CEASM enquanto um espaço de considerável relevância no território no que diz respeito de desconstrução o senso comum, a partir das entrevistas foi possível mapear outros espaços que agregam na luta e questionamento sob essa realidade em que vivemos.

Os espaços descritos são todos dentro da Maré e mapeado de acordo com as falas dos entrevistados: “ Museu da Maré (espaço também gerido pela direção do CEASM), Uerê, Redes da Maré, Centro de Artes da Maré, Observatório de favelas, Luta pela Paz, Bibliotecas, Centro de capoeira do mestre Emanuel, Roça, Dogueria, Tabacaria.”

Após análise das entrevistas, percebi que o processo de formação humana desenvolvido no CEASM pode contribuir para potencializar a construção da identidade negra e dos processos de resistência, indo contra a criminalização e genocídio do povo negro, na medida em que se afirma que os processos de desconstrução do senso comum dominante e, ao mesmo tempo possibilitar uma leitura de mundo não-eurocêntrica, emancipatória e decolonial. Esse processo é realizado pelo CEASM de diversas maneiras, através das aulas externas, dos aulões, dos sarau e dos debates. Dessa forma, através dessas atividades, começa a se construir uma identidade que vai lutar contra as formas de violências sociais e raciais.

As temáticas utilizadas são grandes aliadas do processo de formação de identidades, assuntos que dizem respeito ao cotidiano dos estudantes. A partir da descrição dos entrevistados pude listar as seguintes temáticas: Sarau afro-brasileiro, sarau de liberdade a Rafael Braga, Sarau da ditadura militar, Sarau LGBT, Sarau das mulheres, Seminário de educação popular, Semana

da África, aula do dia da mulher, do racismo, da ditadura, da previdência social, sobre drogas, aula no Centro histórico, em ouro preto, em Petrópolis, na floresta da Tijuca, idas a teatros, museus e oficinas.

Nos relatos das pessoas que já passaram pela experiência de formação do CEASM, foi possível perceber que hoje – conforme afirmam - não só conseguem se perceber em meio a essa sociedade de extrema desigualdade e preconceituosa, bem como percebem-se transformados e ver que os instrumentos de transformações hoje foram muito mais aprimorados e afirmam perceber que o processo continua acontecendo e feito através dos educadores que são pontes para se criar nos estudantes do espaço a ideia de lutar contra séries de questões dadas socialmente, o que é muito importante para ir contra a legitimação dos estigmas aos favelados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estudante do CPV-CEASM, durante o ano de 2017, tive a possibilidade de participar desse projeto de educação emancipatória, onde pude ver de fato o processo de formação humana, proposta por esse espaço, acontecendo em mim; mas principalmente naqueles que estavam ao meu redor, que não tinham ainda uma leitura de mundo contra-hegemônica - isso se deve ao fato de eu estudar na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, cuja orientação de formação humana é baseada no pensamento Marxiano e Gramsciano.

O que me deixou muito feliz foi ver de perto a iniciativa, que considero de extrema importância, desses educadores. Pois conforme analisei no primeiro capítulo, através dos referenciais teóricos que me serviram de base, e através das falas dos entrevistados no 2 capítulo, verifica-se que as favelas são lugares nos quais a precarização da vida se intensifica cada vez mais ao longo dos anos – por conta do caráter do Estado, voltado para a defesa dos interesses do capital em detrimento dos da classe trabalhadora. Assim, os problemas sociais vividos nas favelas não são reconhecidos enquanto problemas que afetam a sociedade.

Diante disso, partirmos do pressuposto de que, para se conseguir qualquer tipo de melhoria das condições de vida, é preciso que os moradores se unam para lutar, visto que as políticas públicas voltadas para a implantação e acesso aos direitos sociais não são efetivados de fato. Nesse sentido, considero que a apropriação da leitura de mundo crítica, emancipatória e decolonial, proporcionada pelos educadores do CPV- CEASM, contribui de maneira fundamental para estimular e ampliar o processo de histórico de mobilização dessa população.

Além disso, o fato de se unirem para lutar ou somente o fato de se reconhecer enquanto pessoas, mesmo em condições de desigualdade comparando com o asfalto e; entenderem o que nos é condicionado hegemonicamente, já é uma forma de se ajudarem e resistirem a esse sistema no qual estamos inseridos.

No tipo de concepção de educação, que orienta a formação no CPV-CEASM - é possível enxergar um movimento que não é novidade em nossa ancestralidade, qual seja: o da resistência fundamentada na união dos povos negros africanos e negros em diáspora, em direção à emancipação negra entendendo todo o processo de escravização até os dias atuais.

Outra questão, que mais me chama atenção é o fato do processo partir das necessidades do estudante. Essa perspectiva está totalmente de acordo com as afirmações de Abdias do

Nascimento (1980), pois este autor diz que, pra além de ser um movimento de emancipação, é imprescindível que primeiro precisamos emancipar nossas mentes e a mente dos nossos, de modo que possamos desconstruir as ideologias da supremacia branca que nos rodeiam. Dessa forma, será importante romper com as estruturas históricas predominantes até o momento, uma vez que a cultura brasileira é fundamentada na desvalorização do povo preto. Diante disso, enfatiza que o povo preto é capaz de desconstrução dos mitos difundidos para garantir os privilégios da branquitude, como o mito da democracia racial, por exemplo.

“(...) o racismo do tipo praticado entre nós é a imposição de uma minoria de origem branco-europeia sobre uma maioria negra de origem africana. Para atingir seus intentos, essa minoria adota as mais variadas estratégias, as quais incluem desde os instrumentos mais óbvios aos mais sofisticados e despistadores. Tanto se faz uso da violência policial direta e brutal, quanto da violência que é uma forma de genocídio físico e espiritual. Todas as formas imagináveis coação se praticaram e se praticam, inclusive a violência religiosa, no afã de assegurar a imposição ariano-ocidental sobre os afro-brasileiros. A elaboração da chamada ‘democracia racial’ obedeceu à intenção de disfarçar os privilégios do segmento minoritário branco, detentor exclusivo da renda do país e do poder político nacional (...)” (NASCIMENTO, 1980,pág. 269)

O mesmo autor acrescenta-se também, a necessidade do desenvolvimento de certa autogestão, coisa que considero difícil, porque - enquanto estudantes - partimos de uma educação onde tudo já está pré-estabelecido pedagogicamente. Sendo assim, acho que essa possibilidade de poder participar dos processos de tomadas de decisões ajuda a aguçar o sentido crítico da realidade social, como também, nos sentirmos sujeitos, responsáveis e capazes de dirigir o processo da transformação social.

As aulas externas de fato fazem com que você consiga perceber muito mais coisas do que na sala de aula, e às vezes de uma forma muito mais descontraída, o que não deixa de fazer com que todo conteúdo de diferentes disciplinas possam interagir. Acho muito interessante também a linearidade das atividades pra uma melhor fixação, como por exemplo, tivemos esse ano um aulão sobre ditadura militar, depois uma semana onde todas as aulas de humanas se voltavam pra esse assunto e depois tivemos o sarau sobre esse tema. Como também tivemos uma semana falando sobre as questões raciais em sala, depois um aulão sobre o racismo e por fim o sarau de liberdade a Rafael Braga que tem tudo a ver com os conteúdos abordados.

Deste modo podemos dialogar com a questão da recuperação dos conhecimentos, saberes e produções intelectuais africanos que desde sempre nos foram velados, como forma de favorecimento das classes dominantes e legitimação das “verdades” disseminadas ao longo de

todos esses anos, causando até hoje o epistemicídio dos saberes africanos e dos povos em diáspora. Como afirma NASCIMENTO (1980):

“(...) agora devolvemos ao obstinado segmento branco da sociedade brasileira as suas mentiras, a sua ideologia de supremacismo europeu, a lavagem cerebral que pretendia tirar nossa humanidade, a nossa identidade, a nossa dignidade, a nossa liberdade. Proclamando a falência da colonização mental eurocentrista celebramos o advento da libertação quilombista (...)” (pág.262)

Então, acho que o CEASM é uma potencialidade no que diz respeito à construção de uma identidade que vai contra a todos os padrões estabelecidos socialmente sobre as favelas, sobre os moradores, sobre a relação do povo preto no asfalto; pois, o processo de formação humana proposto e desenvolvido pelo CPV-CEASM, ajuda a pessoa se identificar e perceber como o mundo a sua volta produz diversas violências (físicas, sociais, emocionais, psicológicas), especialmente, contra a maioria do povo, que é negro.

Tal processo nos caleja pra perceber como lutar contra isso. E estimula a reflexão muito importante, por parte dos pretos que aqui estão, no sentido de entender os motivos que os levam a não conseguirem empregos, de serem sempre estigmatizados, e violados por conta da truculência policial e das violências de Estado; possibilitando assim o desenvolvimento de uma consciência que permite compreender que os avanços para a sobrevivência dessa população afro-brasileira não é algo que será repentino.

Apesar disso, de ter consciência que não será um processo rápido, considero o processo político-pedagógico de formação humana desenvolvido nesse espaço primordial pra nós, povo preto favelado, pois, nesse pré-vestibular podemos, pelo menos, perceber as mentiras e falsidades que o senso comum, difundido nos diversos meios de comunicação, nos apresenta todos os dias; entender o que nos é tirado todos dias; perceber quem somos nós na sociedade e o que essa classe elitista quer que nos sejamos. Dessa forma, entendo que é preciso compreender como se fundamenta as bases da supremacia branca, como que se desenvolve e porque se faz de forma tão agressiva com o povo negro e o porquê de ser com povo negro.

Considero que o entendimento de tal problemática é mais uma ferramenta de preparação para avançar com nossa luta em união. Só o fato dessa apresentação de conteúdos aproveitados não só para os vestibulares, mas para a vida, serem de diferentes maneiras, já nos traz uma potencialidade fora do comum pra lutar contra toda essa hegemonia da supremacia branca.

Concluo que nas favelas existe uma grande característica da cultura africana, a filosofia do UBUNTU, que significa: eu só existo por que você existe. Segundo NASCIMENTO (2014), “(...) a preocupação com o outro, a solidariedade, a partilha e a vida em comunidade são princípios fundamentais da ética Ubuntu (...)” (pág1). Esse autor ressalta ainda que é uma espécie de “Filosofia do Nós”, que entende a concepção de si mesmo como membro integrante de um todo social.

Dessa forma tem como base a coletividade, e isso é perceptível nas favelas quando um ajuda o outro, quando se tem a resistência. Mesmo que nós não saibamos ou percebamos que está acontecendo, tem alguém que está lutando por nós.

Tais lutas e resistência tornam-se necessárias por conta de um passado cruel, e das marcas deste no presente. Daí a necessidade de recorrer a um movimento contrário às estruturas que nos dominam socialmente.

Considero que essa resistência pode ser comparada ao movimento Quilombismo, pois segundo Abdias do Nascimento (1980), tal movimento parte da ideia de uma ação coletiva, que não se inicia nos tempos atuais, mas que é uma herança que nos foi ocultada, qual seja: o movimento através da união dos quilombos e todos os espaços de resistências; que ainda hoje se mantém, sendo ele legal ou não para as estruturas sociais. A intenção é que a partir das forças, reconhecimentos de identidades e empoderamentos nesses espaços se promova a liberdade do ontem, hoje e amanhã, negando tudo que nos impuseram; para que sejamos nós, agora, os protagonistas de nossa própria história. Entendendo tal movimento como emancipador.

Dessa forma, compreendo que as forças dos educadores e do projeto político-pedagógico do CEASM, e em específico o seu CPV, nada mais é do que uma das expressões do Quilombismo, na atualidade, que contribui no processo de (re) conhecimento da cultura negra nas favelas e somar no conjunto de instrumentos de questionamento, de desconstrução e de luta contra o racismo e contra o processo de criminalização dos negros e da pobreza.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Maria da Conceição. O Ser Negro – A construção de subjetividade em afrobrasileiros. Brasília: LGE Editora, 2008.

ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs). Um Século de Favela (3a ed). Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CARTA DE PRINCIPIOS DO CPV-CEASM

COIMBRA, Cecília. In: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/quando-vai-sendo-produzido-o-medo-a-inseguranca-vai-ao-mesmo-tempo-produzindo>, 2014.

MALAGUTI, Vera Batista. In: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/ha-todo-um-mercado-da-violencia-e-do-controle-da-violencia>, 2010.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. Edição 34, AGO/SET/OUT, 1994, págs. 28-38.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Cadernos PENESB, volume 5. Niterói: EDUFF, 2000

<http://www.museudamare.org.br/>

<http://redesdamare.org.br/blog/uncategorized/a-historia-da-mare/>

<http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/artigos/a-galinha-dos-ovos-de-ouro.asp>

VALLADARES, Licia do Prado. A GÊNESE DA FAVELA CARIOCA. A produção anterior às ciências sociais. Rev. bras. Ci. Soc. vol.15 no.44 São Paulo Oct. 2000

_____. A invenção da favela: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 204 pp.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. In: UJIMA – Revista de Estudos Culturais e Afro-brasileira. Número XX, 2014.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Hipótese sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. Cad.CRH., Salvador, n.21,jul/dez.1994

SILVA, Jailson de Souza (org). "O que é a favela, afinal?" Rio de Janeiro: Observatório de Favelas (2009).

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WACQUANT, Loic. A penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo. In: SANTANA, Marco Aurélio & RAMALHO, José Ricardo (orgs.). Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Rumo à militarização das clivagens urbanas. In: Rumo à militarização da marginalização urbana. Discursos Sediciosos. Crime, direito e sociedade (Rio de Janeiro), 15-16 (Fall 2007), pp. 203-220.